

Segregação sócio-espacial é o processo de apropriação pela classe dominante de territórios com maiores recursos naturais e culturais no campo e na cidade (seja a partir de mecanismos de mercado, seja a partir da força do Estado), impondo às classes dominadas deslocamentos forçados e aglomerações em locais precários de vida e trabalho.



A formação do campo brasileiro é caracterizada pela ***permanência do poder político e econômico dos grandes proprietários de terras.***

Segundo o último censo agropecuário brasileiro, 2.477.151 estabelecimentos rurais no Brasil (48% do total) possuem menos de dez hectares e detêm apenas 2,3% do território brasileiro. Em contraponto, 45.578 estabelecimentos rurais brasileiros (0,92% do total) possuem mais de mil hectares e detêm 45% do território brasileiro ocupado por estabelecimentos rurais.



Área	Área ocupada, em hectares ¹	Área ocupada, em %	Total de estabelecimentos	Total de estabelecimentos, em %
menos de 10 ha	7.798.777	2,34	2.477.151	47,86
de 10 a menos de 100 ha	62.893.979	18,85	1.971.600	38,09
de 100 a menos de 1.000 ha	112.844.186	33,82	424.288	8,2
1.000 ha ou mais	150.143.096	45	47.578	0,92

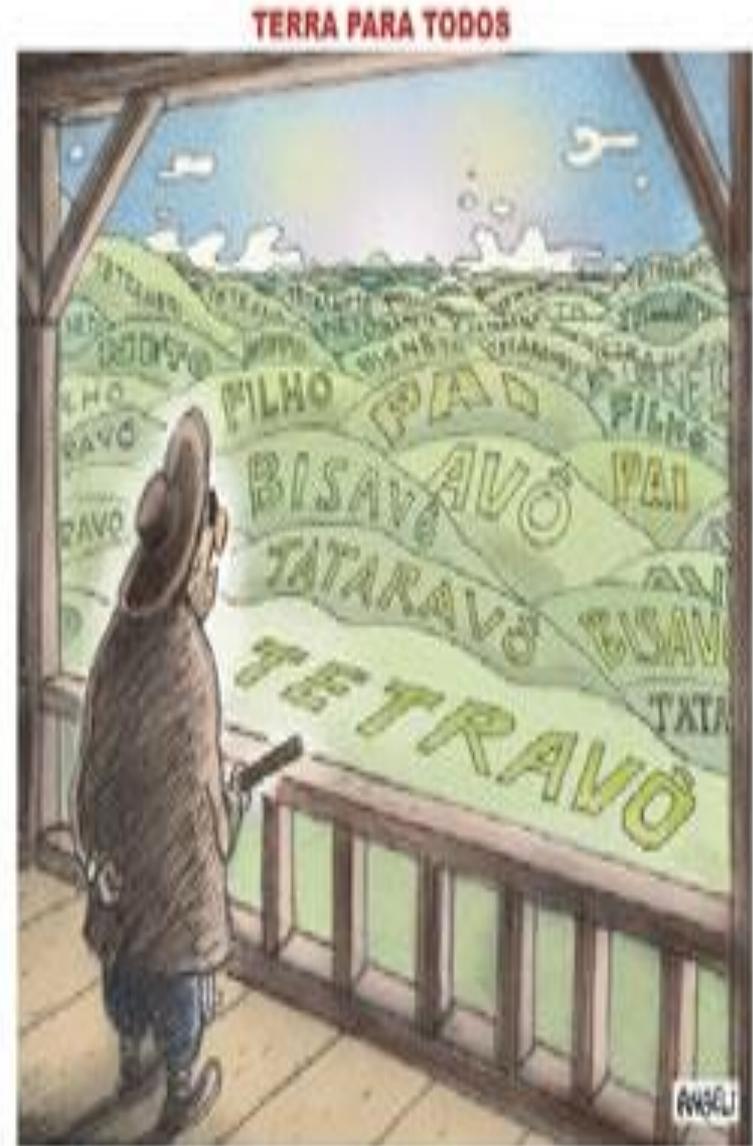
Fonte: IBGE



Esta excepcional concentração de terras no Brasil agravou-se especialmente durante a **ditadura militar no Brasil**. Entre as décadas de 1960 e 1980, enquanto cerca de 75 milhões de hectares eram incorporados à fronteira agrícola, quase 16 milhões de pessoas foram expulsas do campo à cidade em todo o país. Apenas no estado de São Paulo foram expulsas neste período cerca de 2,5 milhões de pessoas dos campos, em uma drástica redução das pequenas explorações agrícolas no estado



Essa concentração de terras é marcada pela sistemática **falsificação de títulos**, conhecida como grilagem. Oficialmente o Brasil possui 8,5 milhões de km², mas quando se soma a área de todos os imóveis rurais cadastrados no Incra o resultado final é de 9,1 milhões de km². A diferença equivale a dois estados de São Paulo. Este mapeamento inédito concluído em 2013 dá uma estimativa da dimensão da falsificação de títulos na formação do campo brasileiro



A reforma agrária no País

TRIBUTAÇÃO A injusta fúria arrecadatória - DROGAS Alto consumo
COMPORTAMENTO A luta contra o racismo - SOCIEDADE O novo perfil da família



A apropriação pela classe dominante das maiores e melhores porções do território rural brasileiro não foi um processo pacífico e se baseou em um longo histórico de ***violência contra trabalhadores rurais***. Segundo pesquisa da Comissão Pastoral da Terra, nos 20 anos do regime militar foram assassinados 840 trabalhadores rurais ou 42 por ano. No período de 1985 até 1997 morreram no campo 1.003 trabalhadores e lideranças (como advogados, sindicalistas, religiosos).

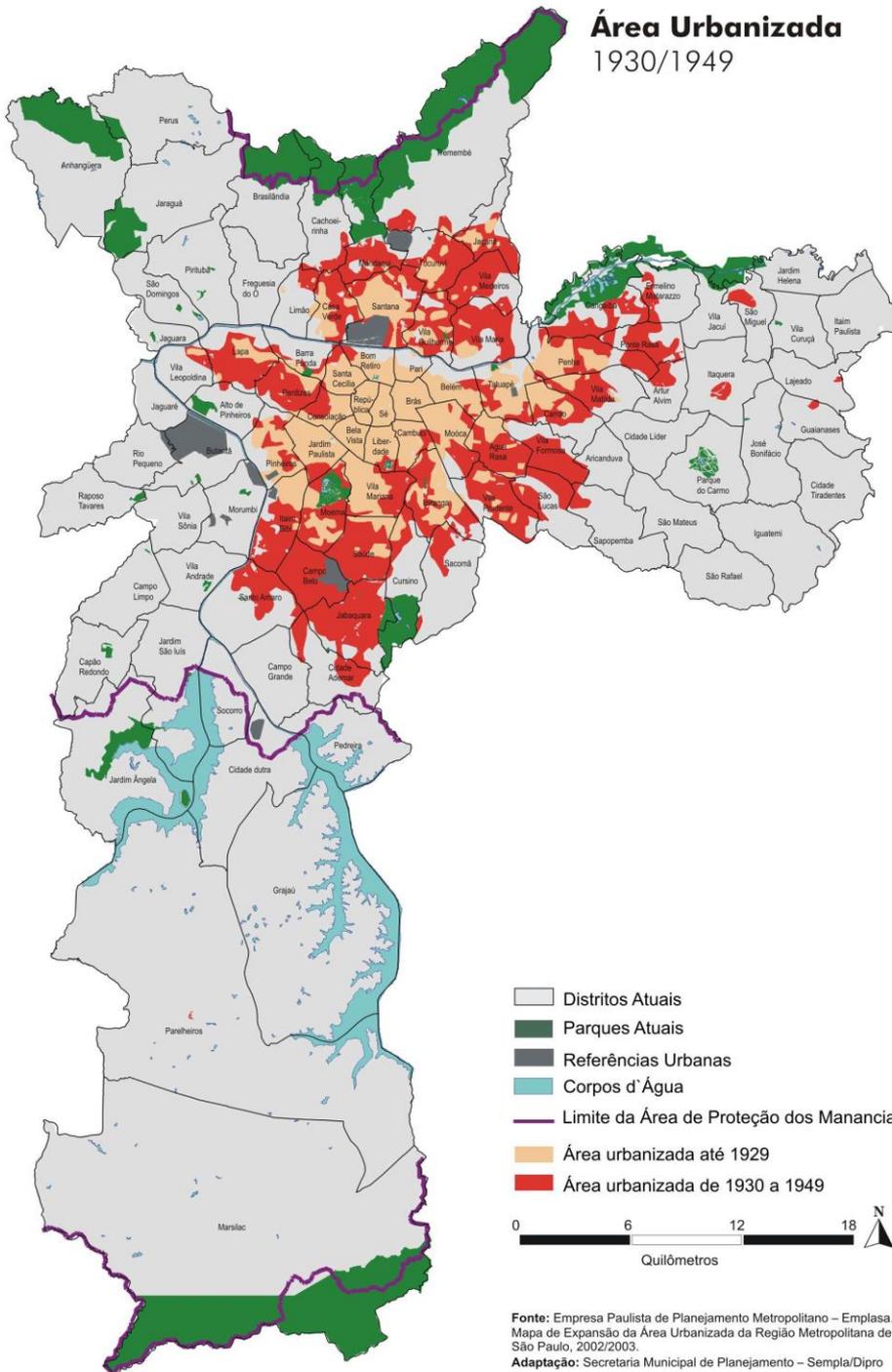
Massacre de Eldorado dos Carajás

A decisão da elite brasileira em impedir a qualquer custo uma reforma agrária teve importantes consequências para a formação das cidades brasileiras. Em 1960, cerca de 55% da população brasileira vivia no campo e 45% na cidade. Cinquenta anos depois, em 2010, cerca de 85% da população brasileira vivia nas cidades e apenas 15% no campo. Em um dos ***maiores êxodos rurais da história***, milhões de brasileiros se concentraram na segunda metade do século XX nas periferias das grandes cidades.



Área Urbanizada

1930/1949

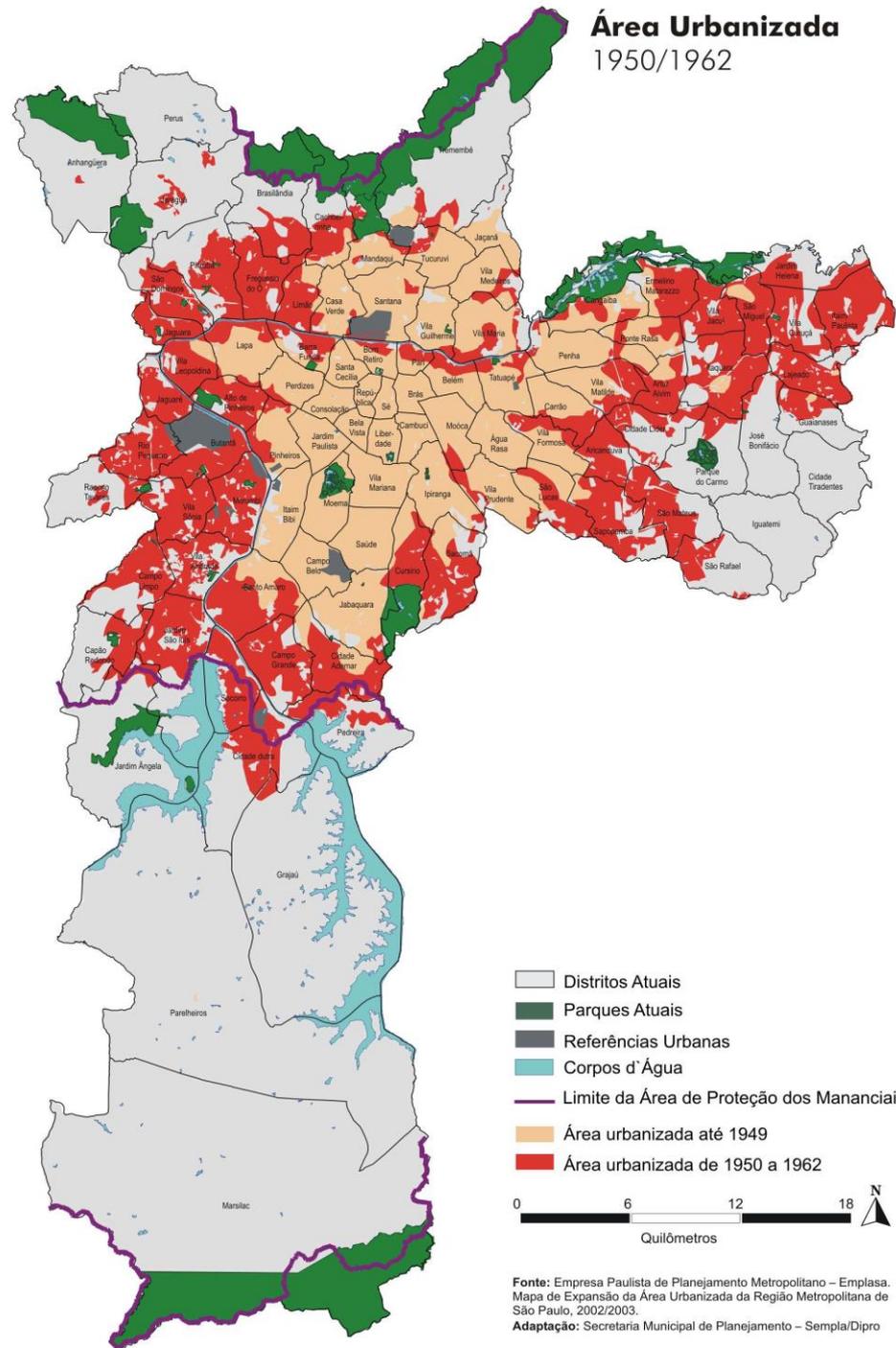


Fonte: Empresa Paulista de Planejamento Metropolitano – Emplasa. Mapa de Expansão da Área Urbanizada da Região Metropolitana de São Paulo, 2002/2003.

Adaptação: Secretaria Municipal de Planejamento – Sempla/Dipro

Área Urbanizada

1950/1962



Fonte: Empresa Paulista de Planejamento Metropolitano – Emplasa. Mapa de Expansão da Área Urbanizada da Região Metropolitana de São Paulo, 2002/2003.

Adaptação: Secretaria Municipal de Planejamento – Sempla/Dipro

O processo de segregação sócio-espacial reproduziu-se também no território urbano. Na cidade de São Paulo até a década de 1930, bairros operários (Brás, Bexiga, Barra Funda, Belenzinho, Mooca, Lapa, Luz, Bom Retiro, Vila Mariana e Ipiranga) localizavam-se relativamente próximos a bairros de elite (Campos Elíseos, Higienópolis). A partir da década de 1940, teve início o processo de formação das periferias da cidade, distantes da infra-estrutura de serviços central



Cortiço no começo do século XX



Casarões na Avenida Paulista, 1902



A elite paulistana concentrou-se no eixo sudoeste da cidade, ocupando com residências de alto padrão Jardins, Pinheiros, Itaim, Moema, Vila Olímpia e Morumbi, enquanto as avenidas Paulista, Faria Lima e Berrini sucediam-se como centros financeiros da cidade. A ocupação deste território pela classe alta foi acompanhada por uma série de remoções das famílias de baixa renda, seja pelo aumento dos preços de aluguel, seja pela violência do Estado. Apenas para a construção da **Avenida Águas Espraiadas** durante a prefeitura de Paulo Maluf entre 1992 e 1996, cerca de 30 mil moradores de favelas da região foram removidos.

Nos últimos anos, diversos incêndios misteriosos vêm ocorrendo em favelas localizadas em regiões de grande interesse para o mercado imobiliário. Após 32 incêndios em 2012, o Ministério Público iniciou investigação sobre a relação das queimas com interesses das construtoras. Um exemplo na região da Berrini é a **favela do Piolho**, onde o metro quadrado se valorizara 117% nos 2 anos anteriores ao incêndio que deixou 1.140 pessoas desabrigadas em 2012.



Favela do Piolho, na região da Av. Águas Espraiadas, sofreu incêndio em 2012



Favela Beira Rio, na região da Av. Águas Espraiadas, sofreu incêndio em 2009